

FORMAÇÃO, INOVAÇÃO E NOVAS TECNOLOGIAS: LUGAR DOS NEGROS E DOS EMPOBRECIDOS

*Dagoberto José FONSECA*¹

Cada avanço da cultura é precioso porque amplia o espaço das formas. A humanidade se educa na escola dos inventores culturais [...] Pierre LÉVY (2003, p. 154)

RESUMO: Os processos de formação dos grupos humanos estão sendo transformados pelas novas tecnologias de informação, inovando procedimentos, técnicas e meios. As gerações atuais têm contato com máquinas, computadores, senhas e códigos de acessos desconhecidos pelos mais velhos e àqueles distantes social e economicamente ainda destas tecnologias, meios, códigos e inovações. Negros e empobrecidos são os que mais se distanciam da geografia deste veículo e meio de aprender, de saber, de trocar, de dialogar e de obter poder. A escrita, a energia e a tecnologia computacional interligadas processam um efeito colateral avassalador associados à acumulação de riquezas e bens nas mãos de poucos e juntos promovem o mais árduo processo discriminador e de exclusão social no planeta, atingindo, sobretudo, as populações tradicionalmente mais vulneráveis pelo racismo e pelo machismo, ou seja, negros e mulheres, sendo eles os mais empobrecidos no planeta.

PALAVRAS-CHAVE: Escrita. Tecnologia. Negros. Empobrecidos.

Falar em formação e acesso a novas tecnologias pressupõe discutirmos um conjunto de procedimentos e de questões que foram sendo superadas ao longo de nossa caminhada histórica e cultural enquanto seres humanos. Diante disso, considero importante fazermos um breve retrocesso a fim de visualizarmos esse caminho, mas tendo em vista como as tecnologias atuais contribuem para os processos formativos

¹ UNESP – Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências e Letras – Departamento de Antropologia, Política e Filosofia – Programa de Pós-Graduação em Sociologia – Coordenador do Centro de Estudos das Culturas e Línguas Africanas e da Diáspora Negra (CLADIN) – Coordenador do Laboratório de Estudos Africanos, Afro-Brasileiros e da Diversidade, Supervisor do Núcleo Negro da UNESP para Pesquisa e Extensão (NUPE) – GT-FCL/AR. Araraquara – SP – Brasil. 14.800-901 – dagobertojose@gmail.com

da população. Antes disso, indagamos: O que é a formação? Como ela tem sido efetivada no Brasil e nas sociedades em vias de desenvolvimento? Qual o impacto da internet nesse processo de formação e quem ela tem atingido? Como tem atingido estas populações? Se não bastassem estas indagações mais gerais acerca da inserção das novas tecnologias de informação no mundo da cultura e da educação, há outras que precisam ser aprofundadas e problematizadas, que é o processo de exclusão sócio-étnico-racial que imensas populações estão, também sendo atingidas com estas novas tecnologias. Com um efeito colateral avassalador, a escrita e a computação associadas à acumulação de riquezas e bens nas mãos de poucos se promove o mais árduo processo de discriminador e de exclusão social no planeta, atingindo, sobretudo, negros e mulheres entre os mais empobrecidos no planeta. Os cabos telefônicos, os satélites, as fibras ópticas, a energia elétrica são os componentes principais desta exclusão no mundo globalizado e satelitizado da escrita.

Os informantes, os contatos e as mudanças tecnológicas

Quando nos pautamos pela idéia ou a noção de como e o que deve ser a formação de um povo, estabelecemos uma relação com o fato de que a formação de um povo, como de um indivíduo, dá-se em um processo contínuo, até porque nós não nascemos prontos e tampouco somos uma tábula rasa, onde serão impressas as verdades científicas e outras presentes na sociedade.

A formação implica em busca constante de conhecimentos diversos, em estranhamentos e dificuldades; em conquistas de novas informações que constroem os novos discernimentos, as razões que instituem e são instituídas pela cultura e que forjam as relações sociais. O processo de formação acarreta contatos, trocas, desafios, comunicações, revisões e transformações individuais, mas também da e na sociedade. A formação está relacionada com a informação, ou seja, aquela que vem de um outro ponto, com outra qualidade, de outro sujeito comunicante que nos interpela, que nos toma a atenção e nos motiva (GNERRE, 1991).

A informação pode vir de dentro do grupo social e cultural, mas também de fora dele – parte do indivíduo, mas também do coletivo. O importante é que a informação faça sentido e tenha significado – histórico e cultural – para os indivíduos participantes deste processo de apreensão de dados, de opiniões, de manifestações, de transmissão de conhecimentos e saberes. Se é deste modo que a formação acontece, ela se dá dentro de um conjunto sistematizado de informações que um determinado sujeito mantém ao longo de sua vida. Então, cabem as perguntas: o processo de formação que passamos nos serviu para que? Fomos formados e informados por quem? Para quê? Como? Estamos distribuindo a formação que obtivemos? Para

que e para quem? Como? Onde? Somos bons nisso, ou seja, em formar e informar adequada e sistematicamente outros? Caso façamos isso, queremos transformar para quê? Para quem? A qual custo?

Obviamente, não precisamos aqui responder a todas essas questões acima, mas devemos nos indagar se o que se faz ou o que fizeram é e tem sido apenas um ato contínuo de formatar, de enquadrar, segundo a orientação dada pelo sistema social e cultural hegemônico (GIROUX; MCLAREN, 1997; BOURDIEU, 1992). Ou ainda, se o ofício do formador e do informante é de transmitir conhecimentos antigos e/ou de transformar notícias e idéias (GNERRE, 1991).

O processo de formação implica também na capacidade dos formadores de ter sua reserva própria de conhecimentos. Essa reserva não é inesgotável, mas o formador necessita que os outros possam ter nele um ser que sacia a sede de conhecer, além do que já conhece. A formação envolve diversos fatores, mas, sobretudo, é o humano que está envolvido nele. As tecnologias criadas pelo ser humano enriquecem, estabelecem novos desafios e fundamentam diversos outros processos cognitivos naqueles que estão, intimamente, relacionados com essas invenções e descobertas.

A criação de espaços de formação associados às novas tecnologias é necessária para a ampliação da difusão dos conhecimentos. Os espaços formativos são hoje espaços informacionais, voltados para as trocas de informações e que possibilitam uma ou alguma formação social e cultural, mas com peso maior para a formação técnico-burocrática, em que a reprodução das mensagens, das regras antigas é mesclada a recursos sofisticados (BOURDIEU, 1992). Esses espaços informacionais dependem da construção de programas de acesso, de códigos e senhas da acessibilidade.

Os programas, os códigos e senhas estão alocados e estruturados hegemonicamente dentro de uma lógica cultural, de um sistema de conhecimentos, de uma situação socioeconômica, associados a interesses grupais, portanto podem funcionar para fins diversos. Muito embora, na maioria dos casos, esses recursos tecnológicos estão a serviço das grandes empresas privadas (nacionais e multinacionais) do ensino, já que na maioria dos casos a “[...] pedagogia ainda não saiu da sacristia e está mais para ‘moral e cívica’ do que para instrumentação técnica objetiva.” (DEMO, 1993, p.14).

A arquitetura erguida pelos processos organizacionais de formação sempre esteve vinculada à tecnologia. Ela data desde o nascimento do primeiro hominídeo, há seis milhões de anos atrás na velha África. O gesto, o sinal, o urro, a gestualidade, a arte rupestre ... mais tarde ... a oralidade, a escrita, a imprensa, o rádio, o cinema, a televisão ... o computador foram mecanismos e instrumentos que veiculação do conhecimento e da comunicação social (MORIN, 1973).

As invenções e descobertas que foram transmitidas pelos indivíduos e pelas instituições sociais impulsionaram um conjunto de conhecimentos tecnológicos que abriram as portas para a humanidade se humanizar a partir de suas civilizações e culturas (RIBEIRO, 1998). Essas tecnologias de guardar os registros do passado e difundir conhecimentos propiciaram as transformações no e do futuro humano. A família, a escola, a igreja, o governo e o Estado são em conjunto e separadamente instituições formadoras, reformadoras, transformadoras e deformadoras dos indivíduos e das coletividades. Deste modo, articuladas no jogo político-social de forças opostas, têm a capacidade de transformar o ambiente em que estão inseridas.

Velhas e novas tecnologias da (in)formação: impactos sócio-educacionais

Atualmente, no Brasil e em outros países subdesenvolvidas e/ou em vias de desenvolvimento, o exercício do processo formativo dá-se via oralidade e escrita, como manifestações e tecnologias culturais básicas de estabelecer a formação e de transmitir conhecimentos tradicionais e inovadores (HAMPATE BÂ, 1982; VANSINA, 1982; GOODY, 1987). O velho e antigo giz, a lousa, o livro didático e a voz são os únicos recursos tecnológicos para se desenvolver o processo formativo nas escolas públicas presentes nas periferias das cidades destes países. Esses recursos são marcantes nessas sociedades, muito embora haja outras formas tecnológicas que vieram apoiar ou agregar valor cultural como o rádio e a televisão, porém, na maioria dos casos, esses recursos estão a serviço da difusão da cultura escrita e da linguagem hegemônica dos grupos socioeconômicos e políticos dominantes (GIROUX, 1997; BOURDIEU, 1992).

As estações de radiodifusão governamentais e com direitos de transmissão concedida pelo governo, no Brasil, por exemplo, criaram programas a fim de propiciar a formação educacional para diversos brasileiros que estavam na área rural ou nas periferias das cidades, a fim de diminuir o custo social da presença de tantos semi-analfabetos; mas, principalmente, para dar um sinal aos países ricos e agências reguladoras transnacionais de que estava empenhado em solucionar o déficit educacional e tecnológico, além da tentativa de constituir um quadro de consolidação da unidade da nação pela difusão da educação, bem como de demonstrar os esforços governamentais e da sociedade civil em ampliar a cidadania e diminuir a desigualdade social.

A estação de radiodifusão comunitária presente nas favelas, nos conjuntos habitacionais e nos bairros populares não tem a preocupação primeira de formar, mas de informar, de dar e gerar notícias acerca do cotidiano local. Neste sentido,

com esta preocupação primeira, a maioria das estações de radiodifusão comunitárias não visa estabelecer sistematicamente um processo de formação que esteja vinculado à transformação social no curto prazo, pois suas informações são esparsas, muito embora sistêmicas; criam ciência e mais notícias, e a longo prazo podem propiciar um aumento significativo da consciência crítica dos ouvintes.

Durante o período ditatorial (1964-1985), os brasileiros, também, com defasagem instrucional-escolar buscaram nos cursos por correspondência, como o Madureza, diminuir essa defasagem, bem como outros participavam dos cursos do Instituto Universal Brasileiro que tinha seus cursos ministrados a distância e por correspondência. Os cursos do Instituto Universal Brasileiro tinham sua ênfase no técnico-profissionalizante. Além do que tantos outros brasileiros fizeram cursos do ensino fundamental através do processo de formação elaborado pelo Projeto Minerva, difundido pela televisão e pelo rádio.

O Sistema Globo de Televisão, mediante a tecnologia da linguagem televisiva, tem propiciado a diversos brasileiros cursos de formação de nível fundamental e médio através dos Telecursos. O governo federal, na gestão do Ministro Paulo Renato de Souza – governo Fernando Henrique Cardoso –, também estabeleceu, por meio do uso da televisão e da tecnologia, propiciada pela captação de som e imagens via antena parabólica, um recurso de apoio e um mecanismo de formação para professores em todo o país.

Esses projetos, programas e processos formativos e informativos que articulam o material escrito, o som do rádio e a imagem da televisão, têm caráter cultural e educacional marcado pelas transformações históricas destas sociedades. No entanto, com o advento das atuais e dinâmicas tecnologias da informação e da comunicação, há outros desafios a superar na relação entre a escrita e o computador, entre o tempo e o espaço, entre o território fixo e fluido. Neste particular, Lévy (2001a, p.114) diz:

A maneira antiga de inscrever os signos era conveniente para o cidadão ou camponês. O computador e as telecomunicações correspondem ao nomadismo das megalópoles e das redes internacionais. Ao contrário da escrita, a informática não reduplica a inscrição sobre o território; ela serve à mobilização permanente dos homens e das coisas que talvez tenha começado com a revolução industrial. A escrita era o eco, sobre um plano cognitivo, da invenção sociotécnica do tempo delimitado e do estoque. A informática, ao contrário, faz parte do trabalho de reabsorção de um espaço-tempo social viscoso, de forte inércia, em proveito de uma reorganização permanente e em tempo real dos agenciamentos sociotécnicos: flexibilidade, fluxo tencionada, estoque zero, prazo zero.

As transmissões do conhecimento que ocorrem mediante a escrita foram alterados com as diferentes ondas econômicas e tecnológicas pós-revolução industrial e, muito embora estabeleçam um vínculo íntimo com as novas tecnologias da informação, não sofreram grandes mudanças no princípio da difusão de conhecimentos com a internet, mas foram rejeitados. Ramonet (2002, p.38), informa que:

Havia, até o momento presente, em matéria de comunicação, três sistemas de signos: o texto escrito, o som do rádio e a imagem. Cada um desses elementos foi o indutor de todo um sistema tecnológico. [...] A internet faz os sistemas de signo convergirem para um sistema único: texto, som e imagem podem, a partir de agora, ser exprimidos em bits. É a multimídia – o CD-ROM, os videogames, o DVD e, sobretudo, a internet. Isto quer dizer que não há mais diferença entre sistemas tecnológicos para veicular indiferentemente, um texto, um som ou uma imagem. O mesmo veículo permite transportar os três sinais – textos, sons e imagens – em tempo real, na velocidade da luz, junto ou separadamente.

A rede que se constrói na internet tem configurado, não obstante uma mudança de paradigma no processo de formação, na medida que traz um conjunto de fatores que revolucionaram a tecnologia, inovando o processo de formação cultural, histórica e pedagógica. Isto tem preocupado os diversos formadores, particularmente, os professores dos diferentes níveis de ensino, na medida que possuem um estranhamento com essa tecnologia.

Professor (a): ser próximo e distante

Muitos professores estão familiarizados apenas com o processo de digitação do texto que a informática possibilita, desconhecendo a maioria de outras possibilidades de atuação. Além do que com a internet se “[...] permitiu pensar que seria possível, enfim, educar-se sozinho diante de sua tela. Ou que um só professor via internet ia poder educar sozinho milhares de jovens. Aliás, tinha-se dito o mesmo a respeito do rádio e da televisão.” (RAMONET, 2002, p.39).

O estranhamento que diversos professores e pais, também, guardam em relação a essa fantástica rede de informações vincula-se com o fato dela ser um portal que se abre para os contatos, para a distribuição de informações sistematizadas ou não. Na internet temos o lixo e a pérola, ao mesmo tempo, a disposição e se propondo a fazer e dar formação cultural e educacional, mas também de difundir informação.

Segundo Lévy (2001a, p.102), com a internet:

Não há identidade estável na informática porque os computadores, longe de serem os exemplares materiais de uma imutável idéia platônica, são redes de interfaces abertas a novas conexões, imprevisíveis, que podem transformar radicalmente seu significado e uso. O aspecto da informática mais determinante para a evolução cultural e as atividades cognitivas é sempre o mais recente, relaciona-se com o último envoltório técnico, a última conexão possível, a camada de programa mais exterior.

As novas tecnologias da informação com a internet estabelecem redes que se interconectam nos planos real e virtual, estabelecendo proximidade e distância, levando programas educacionais, culturais, científicos e de lazer para milhões de pessoas ao mesmo tempo. Os professores, neste contexto, devem se capacitar a fim de manipular novas ferramentas tecnológicas. A sua formação deve ser contínua e em exercício. Segundo Lévy (2001b, p.171), “[...] a formação contínua dos professores é uma das aplicações mais evidentes dos métodos de aprendizagem aberta e a distância”.

O mesmo autor, também, considera que o papel deste profissional privilegiado da (in) formação se altera com a inserção destas tecnologias informacionais na educação, na medida que deixa de ser difusor de conhecimentos para tornar-se um incentivador da aprendizagem e do pensamento críticos. Em suas palavras, ele diz:

O professor torna-se um *animador da inteligência coletiva* dos grupos que estão a seu encargo. Sua atividade será centrada no acompanhamento e na gestão das aprendizagens: o incitamento à troca dos saberes, a mediação relacional e simbólica, a pilotagem personalizada dos percursos de aprendizagem etc. (LÉVY, 2001b, p.171, grifo do autor).

A formação com a internet, neste aspecto, tende a fantasiar o processo democrático da informação, mas escamoteia os mecanismos de concentração do conhecimento, portanto possibilitando a concentração de maior poder daqueles que já o possuem, usufruindo melhor e de maneira destacada nos lugares que ocupa no jogo político, econômico e tecnológico. Diante disso, cabe a pergunta: quem são essas pessoas que têm acesso a internet? Quem são aquelas que não estão conectadas a essa rede? E onde ambas estão no plano social e global?

Segundo se observa na pesquisa divulgada pelo Jornal do Brasil On Line, 11/04/2003, assinada pelo repórter Alexandre Fontoura (2003), que:

De acordo com o relógio da exclusão digital montado pelo Comitê de Democratização da Informática, a cada três meses um milhão de pessoas passam a ter acesso ao computador em casa. Para o chefe do centro de política social da Fundação Getúlio Vargas e coordenador da pesquisa, Marcelo Néri, a exclusão digital caminha junto com a exclusão social – atinge mais as pessoas de menor escolaridade, negros e em áreas menos desenvolvidas do país.

Entre os negros, apenas 4% têm computador em casa. Já entre os brancos, o percentual sobe para 15,14%. “O apartheid racial e digital caminham juntos no Brasil, mesmo quando consideramos brancos e negros que obtêm as mesmas condições de educação e emprego”, garante Néri. Segundo o estudo, mesmo em igualdade de condições, a chance de um branco ter acesso à internet é 167% maior que a de um não branco.

Para cidadãos mais pobres, impera a exclusão digital. Os estados do Maranhão e do Piauí apresentam as menores taxas. No Maranhão, apenas 2,38% tem acesso a computador em casa e 1,44% se conectam a internet. No Piauí, os percentuais são de 3,52% e 2,02%, respectivamente.

Nos estados mais desenvolvidos, os que registram as taxas mais elevadas de acesso ao computador e internet domesticamente são o Distrito Federal (25,32% e 19,22%), São Paulo (21,75% e 15,22%) e o Rio de Janeiro, (17,92% e 12,81%), respectivamente.

O estudo ainda mostra que quanto maior o nível educacional, maior é a chance de ter acesso a computador e internet. Dos que possuem 12 anos de estudo ou mais, 30,54% tem computadores. Entre os que têm nenhum ou menos de um ano de instrução, 95,94% não tem acesso a computadores. Esse grupo corresponde a 25% da população brasileira.

Esses dados deixam nítido que os incluídos digitais e que, portanto, têm maior acesso à internet e ao computador doméstico, estando no mundo da informação-comunicacional não são os negros e os nordestinos, os maiores expoentes da produção cultural tradicional do Brasil, sendo não paradoxalmente os maiores apartados dos processos tecnológico-informacionais do país. Porém, se verificarmos com maior acuidade, os excluídos do acesso ao computador e à internet são também os professores do ensino infantil e fundamental (particularmente das primeiras séries) espalhados por todo o país convivendo com baixos salários e, onde a internet é um luxo, ainda muito distante, diante de outras necessidades vitais e domésticas.

Daí se configura outro aspecto no país quanto à acessibilidade ao computador e à internet: vamos ver que nas escolas públicas dos diferentes governos e secretarias de

educação montam-se as salas dos computadores, do ensino da informática, mas sem professores que saibam trabalhar com essas ferramentas de modo pedagogicamente adequado com os programas. Ou seja, as crianças mais empobrecidas, principalmente as afro-brasileiras e as indígenas estarão ficando mais distantes dessa tecnologia, portanto dessa modalidade de produção cultural e de conhecimento e de expansão e manutenção do trinômio saber-fazer-poder.

Os empobrecidos de diferentes origens étnicas, raciais e sociais, se estão distantes da internet e do computador, estão mais distantes dos processos de formação e de informação que se dão via teleconferência e/ou videoconferência. Essas tecnologias da informação mesclam os recursos audiovisuais, por exemplo, da televisão e do vídeo, mais os recursos da internet. Elas são utilizadas em poucas universidades do país enquanto recurso para retirar a distância física, seja em cursos, seja em reuniões. Mas também elas são sobejamente utilizadas nas grandes empresas transnacionais, multinacionais e/ou inter-regionais com os mesmos objetivos de retirar distância física, fazendo os cursos e as reuniões. Essas tecnologias das videoconferências ou das teleconferências não têm tido uma participação desses empobrecidos, pelo fato deles não estarem nas universidades, seja como docentes, diretores ou alunos, nem estão nas grandes empresas como diretores, gerentes, ou seja, nos cargos e funções em que se utilizam esses recursos tecnológicos.

A desigualdade social, a demanda educacional e as tecnologias formativas

As teleconferências, as videoconferências, são espaços de formação e de informação na vida universitária, científica e cultural, propiciando os intercâmbios entre regiões, países e continentes. Podem e devem se traduzir em lugares estratégicos para encontros entre produtores culturais, educacionais, científicos e comerciais.

A utilização das videoconferências e teleconferências pode ser um dos recursos estratégicos e tecnológicos para trabalharmos com a formação de professores, seja em função das legislações em vigor, das reuniões da reestruturação curricular em universidades multicampi, das avaliações intra e interinstitucionais dos diferentes níveis e modalidades de ensino². Obviamente há dificuldades a superar, entre as quais a de abandonarmos a velha tradição dos cursos presenciais, mesmo se sabendo que o método tradicional não dá conta da demanda explosiva de formação instrucional-escolar, sobretudo no nível universitário em todas as partes do mundo, diante do impulso neoliberal e da globalização, mas fundamentalmente em função

² Não vamos aqui entrarmos em maiores aprofundamentos analíticos a respeito dos cursos que se propõe fazer uma aprendizagem aberta e à distância, mas um maior aprofundamento do tema ver Lévy (2001a).

da maior demanda social dos diferentes grupos sociais, particularmente, pelo ensino superior.

As instituições formadoras, como as universidades públicas, por exemplo, em todos os continentes, têm constatado que têm que se associar aos apelos e aos incentivos gerados pelo universo computacional, já que

[...] não será possível aumentar o número de professores *proporcionalmente à demanda de formação* que é, em todos os países do mundo, cada vez maior e mais diversa. A questão do custo do ensino se coloca, sobretudo, nos países pobres. Será necessário, portanto, buscar encontrar soluções que utilizem técnicas capazes de ampliar o esforço pedagógico dos professores e dos formadores. [...] Tanto no plano das infra-estruturas materiais como no dos custos de funcionamento, as escolas e universidades “virtuais” *custam menos do* que às escolas e às universidades materiais fornecendo um ensino “presencial”. (LÉVY, 2001b, p.169, grifo do autor).

Os desafios e as dificuldades colocados ao Brasil atual também estão dispostos na África. Nesse continente, as necessidades são enormes a se superar, no bojo dessas deficiências de acessibilidade tecnológica ditada pelo universo informacional, na medida que, segundo o documento denominado Nova Parceria para o Desenvolvimento da África (NEPAD),

A fraca infra-estrutura das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) em África, conjugada com os fracos quadros de política e de regulação e limitados recursos humanos, resultou no acesso inadequado aos serviços de telefone, radiodifusão, informática e de internet, a preços acessíveis. A teledensidade africana, por exemplo, permanece abaixo de uma linha por 100 pessoas. O custo do serviço é igualmente elevado: o custo de uma linha telefônica em África é de uma média de 20% do PIB per capita, em comparação com a média mundial de 9% e de 1% para os países de alto rendimento (ÁFRICA DO SUL, 2002, p.28).

Cito ainda, para efeito de comparação estatística, os dados do relatório do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) de 1999, extraídos de Ramonet (2002), que apontava que a população mundial usuária de internet era apenas 2,4%, demonstrando que 97,6% não tinham esta tecnologia informacional e comunicacional. Com os dados desse relatório se constata que a população latino-americana e caribenha usuária de internet é de 0,8%; na África subsaariana é de 0,1%; no Sudeste Asiático é de 0,004%. Enquanto que 88% dos usuários dessa rede vivem nos países ricos e industrializados do mundo, esses representam juntos tão somente

17% da população do planeta. Desse modo, os empobrecidos do mundo estão fora do diálogo internacional que se desenvolve pela internet, ou melhor, como nos dizem esses dados, são cerca de 200 milhões de computadores pessoais interligados na rede, mas a população global que temos é um pouco além de 6 bilhões de indivíduos. Fazamos os cálculos e vamos verificar o poder de exclusão e de concentração da informação que acompanha a internet (RAMONET, 2002).

Neste contexto, a sociedade brasileira, as sociedades africanas e as demais sociedades empobrecidas do mundo têm uma árdua tarefa a cumprir a fim de tornar possível a sua inserção no mundo globalizado, superar os imensos limites colocados pelo advento da (in) formação computacional, sem extinguir as suas práticas culturais e as suas estruturas de pensamento e comunicação, expressões que dão sentido e marcam de maneira autêntica a cultura e a história desses diferentes povos, pertencentes a essas sociedades tão tradicionais quanto complexas (FONSECA, 2003).

Os debates e encontros que estão sendo travados atualmente em ambientes como o Fórum Social Mundial, o Fórum Cultural Mundial e as diversas conferências e pronunciamentos de governantes dos chamados países em vias de desenvolvimento dão o tom das disputas que cercam as questões que envolvem o alcance e os processos de concentração, de distribuição e de exclusão da informação na internet e nas demais tecnologias da comunicação.

As instituições públicas e as organizações governamentais, não-governamentais e privadas nestes países estão atentas aos conglomerados da informação, da mass mídia a fim de não construir impérios da comunicação única, do pensamento único, da cultura única, do imaginário único; promotoras do comércio midiático, do consumo e da propaganda dos grandes grupos financeiros³, de bens duráveis e dos descartáveis, da cultura única e hermética e também da educação (CHAUI, 2001; RAMONET, 2002; SANTOS, 2003).

Essas lógicas podem impulsionar a destituição dos diálogos plurais, multiformes, diversos. Além disso, esses conglomerados do universo (in) formacional-cibernético precisam ser confrontados pelos seres humanos de carne e osso, na medida que estão associados aos mercados de bens culturais e aos processos educacionais de amplos contingentes populacionais. Esses conglomerados precisam, também, ser interpelados quanto aos valores éticos e morais, na medida que alicerçam outras dimensões da

³ Não vamos nos ater aqui às questões vinculadas à esfera dos capitais flutuantes e voláteis da ciranda orbital e das redes virtuais das economias transnacionais, como fez Jean Baudrillard, em 1990. Nem tão pouco oferecer uma análise a respeito do papel das finanças internacionais e suas relações com as bolsas de valores, o consumo global e a concentração das riquezas internacionais nos países com amplo desenvolvimento techno-econômico, como fez Eric Toussaint em 2002.

cidadania e da vida em sociedade, sobretudo no que toca as preocupações com às gerações futuras (MORIN, 1998).

Neste cenário movediço, fluido, mas não menos real das tecnologias da informação, constata-se que os processos educacionais devem ocorrer nos diversos países em vias de desenvolvimento, em função da demanda populacional por estudo, formação técnica, rápida, articulada com a eficiência necessária e com baixos custos operacionais. Essa operação articula carência social e educacional e o poder de penetração dessas tecnologias em amplos ambientes de aprendizagem e número bastante superior de alunos, aquele presente nos cursos tradicionais. Essa implementação é necessária, diante do quadro atual e dos apelos globalizantes da economia mundial.

As vozes destoantes deste processo estabelecem seus medos e estranhamentos na medida que essa mudança de paradigma educacional pode acarretar a domesticação dos sentidos ou da padronização das diferentes culturas materiais, imateriais e tecnológicas; dos indivíduos e das coletividades. De modo a matar a criatividade, a autenticidade, a autonomia e a soberania de pensamento, seja de formadores, professores e de alunos que estiverem vinculados a esse processo sócio-técnico-educacional.

**FORMATION, INNOVATION AND NEW TECHNOLOGIES: THE
BELONGING PLACE OF BLACK MEN AND THE IMPOVERISHED
PEOPLE**

ABSTRACT: *The formation process of the mankind groups has been transformed by new information technologies, innovating procedures, techniques and means. The generations from nowadays have contact with machines, computers, passwords and access codes unknown by the oldest people and by those who are socially and economically distant from these technologies, means, codes and innovations. Black men and impoverished people are the ones considered most distant from this vehicle geography and learning, knowing, trading, dialoguing and empowering mean. The interconnection of the writing, the energy and the computer technology create an astonishing collateral effect that, associated to the wealth accumulation in such few hands, promote the most difficult process of discrimination and social exclusion in the planet, what reaches, above all, the populations most vulnerable by racism and male chauvinism, like Black men and women, those who are the most impoverished people in the planet.*

KEYWORDS: *Writing. Technology. Black men. Impoverished People..*

Referências

- ÁFRICA DO SUL. Consulado Geral da República da África do Sul. **A nova parceria para o desenvolvimento da África:** declaração sobre a democracia, a governação política econômica e social. Durban, 2002. p.1-97.
- BAUDRILLARD, J. **A transparência do mal:** ensaio sobre os fenômenos extremos. Tradução Estela dos S. Abreu. Campinas: Papirus, 1990.
- BOURDIEU, P. **A economia das trocas simbólicas.** 3.ed. Tradução de Sergio Miceli et al. São Paulo: Perspectiva: 1992. (Coleção Estudos).
- CHAUÍ, M. de S. As humanidades contra o humanismo. In: SANTOS, G. A. dos. (Org.). **Universidade, formação e cidadania.** São Paulo: Cortez, 2001. p.15-32.
- DEMO, P. **Desafios modernos da educação.** 2.ed. Petrópolis: Vozes, 1993.
- FONSECA, D. J. As relações Brasil-África subsaariana: oralidade, escrita e analfabetismo. In: CHAVES, R. et al. (Org.). **Brasil/África:** como se o mar fosse mentira. Maputo: Imprensa Universitária, 2003, p.111-127.
- FONTOURA, A. Mapa da exclusão digital fax raio X do uso do computador no país. **Jornal do Brasil On Line**, Rio de Janeiro, 11 abr. 2003. Disponível em: <http://www2.fgv.br/ibre/cps/mapa_exclusao/Site/PanoDeFundo/Internet/Internet19.pdf>. Acesso em: 11 abr. 2003.
- GIROUX, H. A. A cultura de massa e o surgimento do novo analfabetismo: implicações para a leitura. In: _____. **Os professores como intelectuais:** rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem. Tradução de Daniel Bueno. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997. p.111-122.
- GIROUX, H. A.; MCLAREN, P. Reproduzindo a reprodução: a política de seleção. In: GIROUX, H. A. **Os professores como intelectuais:** rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem. Tradução de D. Bueno. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997. p.223-232.
- GNERRE, M. **Linguagem, escrita e poder.** São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- GOODY, J. **A lógica da escrita e a organização da sociedade.** Tradução de Teresa L. Pérez. Lisboa: Ed.70, 1987.

HAMPATE BÂ, A. A Tradição Viva. In: KI-ZERBO, J. (Coord.). **História geral da África: metodologia e pré-história da África**. São Paulo: Ática; Paris: UNESCO, 1982. v.1. p.181-218.

LÉVY, P. **A conexão planetária: o mercado, o ciberespaço, a consciência**. Tradução de Maria L. Homem e R. Entler. São Paulo: Ed. 34, 2003.

_____. **As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática**. Tradução de Carlos I. da Costa. São Paulo: Ed. 34, 2001a.

_____. **Cibercultura**. Tradução de Carlos I. da Costa. São Paulo: Ed. 34, 2001b.

MORIN, E. **Ciência com consciência**. 2.ed. Tradução de Maria D. Alexandre e Maria A. S. Dória. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

_____. **O paradigma perdido: a natureza humana**. Tradução de Hermano Neves. Mem Martins: Europa-América, 1973.

RAMONET, I. Informação e controle: a colonização do ciberespaço. **Cadernos Diplô: le monde diplomatique**, São Paulo, n. 3, p.38-41, jan. 2002.

RIBEIRO, D. **O processo civilizatório: etapas da evolução sociocultural**. São Paulo: Cia. das Letras, 1998.

SANTOS, L. G. dos. **Politizar as novas tecnologias: o impacto sócio-técnico da informação digital e genética**. São Paulo: Ed. 34, 2003.

TOUSSAINT, E. **A bolsa ou a vida: a dívida externa do Terceiro Mundo: as finanças contra os povos**. São Paulo: Perseu Abramo, 2002.

VANSINA, J. A Tradição oral e sua metodologia. In: KI-ZERBO, J. (Coord.). **História geral da África: metodologia e pré-história da África**. São Paulo: Ática; Paris: UNESCO, 1982. v.1. p.157-179.